

Para entender a Teologia da Libertação é preciso partir do contexto histórico de onde ela surgiu. Em seguida, convém definir o que se entende por “fazer Teologia”, para finalmente chegar a essa produção teológica que se intitulou “Teologia da Libertação” e ver como ela se relaciona com a “política”.

1. O contexto histórico

1. 1 As manifestações de ontem e de hoje

Em 1966 o Brasil assistiu a um festival de música popular de enorme sucesso, transmitido pela TV. As duas músicas que venceram, com empate de votos, tinham como pano de fundo as injustiças sociais e aludiam a manifestações de rua: *A Banda*, de Chico Buarque e *Disparada*, de Geraldo Vandré e Théo de Barros.

A Banda dizia:

*Estava à toa na vida, o meu amor me chamou
Pra ver a banda passar, cantando coisas de amor.
A minha gente sofrida despediu-se da dor,
pra ver a banda passar, cantando coisas de amor.*

Disparada anunciava:

*Aprendi a dizer **não**, ver a morte sem chorar,
A morte, o destino, tudo estava fora de lugar
E eu vivo pra consertar...*

Entre 1964 e 1985 o Brasil estava em pleno regime militar. Sair às ruas em manifestações era arriscado. Artistas, intelectuais, trabalhadores e juventude de um modo geral enfrentaram a ditadura e sofreram prisão, assassinato, tortura e exílio. Em 1968 a música *Pra não dizer que não falei de flores*, de Geraldo Vandré, desafiava as autoridades e dava força às passeatas de protesto:

*Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais braços dados ou não (...)
Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.
(...) Há soldados armados, amados ou não
Quase todos perdidos de armas na mão
Nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição
De morrer pela pátria e viver sem razão.
(...) A certeza na frente, a história na mão
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Aprendendo e ensinando uma nova lição.*

Os festivais de música popular expressavam a consciência da situação de injustiça social e o protesto contra a dominação dos ricos e poderosos, apoiados pelos militares e pelos Estados Unidos, contra a maioria do povo pobre, chamado “subdesenvolvido”.

Qual a perspectiva histórica por trás dos anos 1960 – 1970?

1. 2 O cenário dos anos 1960-1970

Na segunda metade do século XX, o mundo saía de duas grandes guerras que eliminaram dezenas de milhões de pessoas. Ainda assim, vivia-se um clima de “guerra fria” entre os Estados Unidos (EUA) e a União Soviética (URSS). Por trás destes dois países, dois sistemas socioeconômicos procuravam se impor: o capitalismo e o socialismo comunista.

Na América Latina, vivíamos alinhados aos norte-americanos, mas Cuba fez sua revolução socialista e só conseguiu mantê-la porque foi apoiada pela URSS. Para evitar que o mesmo se repetisse no restante da América Latina, os EUA apoiaram golpes e regimes militares que se espalharam por aqui, combatendo os simpatizantes do socialismo.

A simpatia de muitos estudantes por um regime que privilegiasse o social - e não o capital privado - se devia à consciência crítica em relação às gritantes distâncias entre ricos e pobres que se espalhavam por toda a América Latina. Mais do que o “atraso” em desenvolvimento econômico, chocavam as consciências a exploração dos trabalhadores no campo e na cidade e o grande contingente de famintos e miseráveis sem perspectiva de futuro, como mostra a música *Pedro Pedreiro* de Chico Buarque (1966). O contraste com as classes privilegiadas era gritante.

1. 3 A PUC nesse cenário

Em 1961 o DCE da PUC-Rio lançou um manifesto no qual os estudantes se declaravam cristãos e afirmavam:

Assumimos o compromisso cristão e, deste modo, não poderemos faltar, de forma alguma, com seus pressupostos e suas conseqüências. A primeira delas é a de participar da vanguarda do mundo, entendendo por vanguarda os que se colocaram com a história em nome da libertação do homem. (...) Numa nação subdesenvolvida, em que o nível cultural é extremamente baixo, o universitário é chamado a desempenhar uma tarefa de decisiva importância. Cabe-lhe denunciar como profundamente alienante e mesmo mistificadora a tentação do bom comportamento burguês que o levaria a encerrar-se no horizonte de seus interesses individuais, científicos ou profissionais, indiferente ao destino da massa da qual emerge para receber o privilégio de uma cultura superior.¹

Não se deve estranhar esse posicionamento explicitamente cristão dos universitários, uma vez que, naquele cenário, as Igrejas cristãs também se sensibilizaram pela questão sócio-econômica e política. E a Juventude Universitária Católica (JUC) tornou-se protagonista no movimento estudantil da época.

1.4 As Igrejas cristãs nos anos 1960-1970

Em 1962 o Papa João XXIII inaugurou o Concílio Vaticano II que abriu novas perspectivas para a Igreja Católica, através do diálogo com a modernidade e com a realidade social. A Conferência dos bispos latino-americanos em Medellín (Colômbia, 1968) fazia uma

¹ O Manifesto encontra-se em SOUZA LIMA, Luiz Gonzaga, *Evolução política dos católicos e da Igreja no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1979, 98-107.

crítica severa da situação de injustiça e violência no continente, chamando a todos para um “compromisso” e uma “opção preferencial pelos pobres”. No Brasil, D. Helder Câmara tornou-se símbolo dessa preocupação, fazendo com que a atitude paternalista de muitos católicos evoluísse para uma conscientização dos pobres, alertados então para as **causas da pobreza**: esta deixou de ser vista como “vontade de Deus” e passou a ser considerada como fruto da distribuição desigual dos bens da natureza na sociedade humana.

Outros bispos entraram nesse movimento. Várias Igrejas de tradição protestante se juntaram, criando entidades ecumênicas de estudo e serviços ao povo. Muitos apoiaram o método de alfabetização de Paulo Freire, pelo qual milhares de adultos aprendiam a ler e interpretar não só as letras, mas a vida, a cultura, a história. Os estudantes participavam dessa tarefa com entusiasmo, mas o golpe militar tentou impedir esse processo - e conseguiu em parte.

Nesse solo revolto e fecundo brotou a semente de uma nova Teologia.

2. O que se entende por “Teologia”?

Tomemos aqui as palavras de Gustavo GUTIÉRREZ, padre peruano que iniciou a Teologia da Libertação:

A teologia é uma linguagem sobre Deus. Ora, na Bíblia Deus nos é apresentado como um mistério. (...) Neste caso, não cabe pensar que a teologia se propõe uma tarefa impossível?

Não, não é impossível. Mas é importante ter em conta desde o começo que se trata de um esforço por **pensar o mistério**. Atitude de respeito que não se compagina com certos discursos que pretendem com segurança, e às vezes com arrogância, saber tudo a propósito de Deus. A pergunta de J. M. Arguedas “é muito menos o que sabemos do que a grande esperança que sentimos” tem, para o crente no Deus de Jesus Cristo, uma clara e humilde resposta positiva².

Ora, para os cristãos, o Deus de Jesus Cristo revelou-se primeiro ao povo hebreu, cuja história se encontra no Antigo Testamento, e depois em Jesus de Nazaré, que é o filho de Deus encarnado entre nós, seres humanos mortais. Que o mistério de Deus possa ser-nos acessível não depende de nós, mas do próprio Deus, de seu amor incondicional. Esse amor Ele revelou em Jesus, que disse certa vez: *“Eu te bendigo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste essas coisas a sábios e inteligentes, e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado”* (Mt 11,25-26).

Essa frase curiosa de Jesus leva a pensar na **gratuidade** do Pai, que tem uma predileção pelos humildes, os “insignificantes”, aqueles que a maioria da sociedade despreza. Foi com eles – e elas – que Jesus mais conviveu. Se, portanto, a iniciativa da revelação vem de Deus, então, para se pensar e falar sobre Deus é preciso antes contemplá-lo ou ouvi-lo, e colocar em prática sua vontade, seu Reino. Por isso Gutiérrez diz que a Teologia é “um falar

² GUTIÉRREZ, G., *Hablar de Dios desde el sufrimiento del inocente. Una reflexión sobre el libro de Job*. CEP. Lima, 1986, p. 11-12. As duas citações seguintes também se encontram aí.

enriquecido por um calar. Por sua vez este falar refletido alimentará e dará novas dimensões ao silêncio da contemplação e da prática”.

O que vai distinguir a Teologia da Libertação é o fato de que nela “nos colocamos uma pergunta acerca de Deus que vem da nossa experiência latino-americana, quer dizer, de um compartilhar vida e fé com os pobres deste continente”.

3. Teologia da Libertação

A Teologia que surgiu a partir dos anos 1960 na América Latina caracteriza-se por ser uma reflexão **crítica**, que submete a realidade histórica às exigências bíblicas de justiça e solidariedade.

Em um esforço de interpretação do momento histórico então vivido, os teólogos e teólogas recorreram a autores das ciências sociais (inclusive marxistas) que analisavam as questões econômicas e políticas do continente. Se o problema era o subdesenvolvimento, então a solução estava em gerar o progresso que traria a paz e felicidade para todos. Mas verificou-se que o tipo de desenvolvimento praticado gerava “ricos cada vez mais ricos à custa de pobres cada vez mais pobres” (João Paulo II, discurso inaugural da Conferência de Puebla, em 1979). Havia uma situação de “dependência” dos países latino-americanos em relação às nações do chamado Primeiro Mundo (EUA e Europa) e essa dependência se reproduzia a nível nacional e local. Então a solução implicava numa profunda transformação estrutural, ou seja, numa “revolução” em que as estruturas de dominação cedessem lugar a outras configurações de relações entre as pessoas. Foram propostas reformas de base, e não simplesmente arranjos superficiais na sociedade, através de favores e apadrinhamentos dos donos do poder.

Nesse contexto, a prática dos cristãos sofreu profundas transformações: padres, religiosas, pastores/as, leigos/as, e mesmo bispos saíram de seu conforto e foram viver junto aos pobres, nas periferias do campo e das cidades. Foi uma verdadeira conversão, a fim de poder partilhar da fé dos humildes e aprender com sua sabedoria: reler a partir deles a Bíblia, mas também participar de suas lutas.

3. 1 Relendo a Bíblia a partir dos pobres

A Bíblia narra que o povo de Israel surgiu do **êxodo** de escravos que, chamados e protegidos pelo Deus de seus pais, “Javé” (nome que significa “Eu sou” e ao mesmo tempo “Eu estou com vocês”), se libertaram da dominação do Egito e partiram para a “terra prometida”. Nesse processo de longa caminhada no deserto (40 anos é um número simbólico), os hebreus aprenderam a viver em comunidade, respeitando uma **Lei** que regulava os direitos e costumes do povo. Essa Lei foi assumida como um contrato – uma **Aliança** - do povo com seu Deus, “Javé”. Este era o guardião dos direitos dos pobres e fracos. Por exemplo, quando se lia: “*Não maltrate a viúva nem o órfão, porque, se você os maltratar, e eles clamarem a mim, eu escutarei o clamor deles*” (Ex 21, 22), era Deus que assim se dirigia ao povo.

Em continuidade com a perspectiva do êxodo, **os profetas** estavam sempre chamando a atenção do povo quando este não cumpria o Direito e a Justiça:

Ai daqueles que fazem decretos iníquos e daqueles que escrevem apressadamente sentenças de opressão para negar a justiça ao fraco e fraudar o direito dos pobres do meu povo, para fazer da viúva sua presa e despojar os órfãos!” (Isaías, 10,1-3).

O profeta Oséias parece estar vivendo em nossos dias quando interpela: “Ouçam a Palavra de Javé, filhos de Israel! Javé abre um processo contra os habitantes da terra, pois não há mais fidelidade, nem amor, nem conhecimento de Deus na terra. Há juramento falso e mentira, assassinio e roubo, adultério e violência, e sangue derramado se ajunta a sangue derramado! Por isso a terra geme e seus habitantes desfalecem; os animais do campo, as aves do céu e até os peixes do mar estão desaparecendo” (Os 4,1-3).

A Teologia da Libertação (TdL) retoma esses textos e essa perspectiva do êxodo e dos profetas diante da sociedade atual. Mas ela não fica apenas no Antigo Testamento. Observa a mesma linha profética no Novo Testamento, escrito a partir de Jesus Cristo. Foi Jesus quem deu continuidade à profecia que surgira mais de 500 anos antes de Cristo em Israel. Frei Betto – um dos mais renomados autores católicos ligados à TdL - costuma dizer que Jesus não morreu de doença, nem de acidente de trânsito nas ruas de Jerusalém, mas foi condenado e morto pelas autoridades políticas e religiosas de seu tempo, precisamente porque foi **profeta**. Como tal, ele denunciou a mentira, os abusos, a hipocrisia, a exploração dos pequenos pelos poderosos de seu tempo. Por isso, assim como os profetas, foi perseguido, julgado e assassinado.

De fato, Jesus desmascarou as autoridades que queriam apedrejar a mulher adúltera, dizendo: *“Quem de vocês não tiver pecado, atire a primeira pedra”* (João 8,7). Indignado com os vendedores e cambistas que faziam comércio com o que é sagrado, Jesus expulsou-os do templo, espalhou as moedas e virou as mesas, dizendo que eles tinham transformado o Templo – Casa de Oração – em covil de ladrões (João, 2,13-17). Na parábola do Juízo final (Mateus 25,31-45), Jesus se identifica com os pobres, famintos, nus, presos e doentes, a quem todos nós devemos socorrer.

A Teologia da Libertação colocou esses textos nas mãos do povo. Desencadeou assim um processo de releitura da Bíblia a partir dos pobres e oprimidos, que tem Frei Carlos Mesters como uma referência e um mestre, mas que se espalhou por toda a América Latina, com a contribuição de biblistas e lideranças populares de diferentes Igrejas. A descoberta da mensagem bíblica trazida para dentro da vida explodiu em “Boa Nova” e fez o povo cantar:

*De repente nossa vista clareou, clareou, clareou!
E descobrimos que o pobre tem valor, tem valor, tem valor!³*

³ A canção *Nossa vista clareou* é de autoria do compositor nordestino Zé Vicente

E assim foram surgindo e se expressando vários artistas populares, como Anderson Pereira⁴, autor de lindos painéis ou de simples desenhos que traduzem em linguagem plástica a hermenêutica que brotou da caminhada das Comunidades Eclesiais de Base.

Outra música de Zé Vicente, compositor nordestino ligado à TdL, expressa bem tal processo através do canto Nova Luz:



***A Palavra de Deus já chegou!
Nova luz já brilhou para o povo.
Quando a Bíblia Sagrada se abriu
Todo pobre já viu mundo novo!***

*Quem andava espalhado se juntou
Quem vivia como cego enxergou.
Por todo canto já nasceu comunidade
E no caminho da verdade
Muita gente já entrou.
Quem vivia explorado protestou
Quem calava só por medo já gritou.
Por todo canto os pequenos vão se unindo
A liberdade vai surgindo
E todo velho renovou.
A semente da Palavra se espalhou
Caiu no campo-coração-de-lavrador
Pela favela a semente germinou
E na colheita
Vai ter festa, meu Senhor!
Aleluia, aleluia, aleluia!*

Ao se descobrirem como primeiros destinatários da Bíblia, chamados a se libertar, os pobres começaram a se organizar em comunidades eclesiais de base.

3.2 A TdL em prática: as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)



Imagem de Cerezo Barredo, artista de CEBs

⁴ Anderson Augusto Pereira é teólogo e artista plástico, autor de muitos trabalhos ligados às Comunidades Eclesiais de Base, painéis e material de formação.

O nome “comunidade eclesial de base” foi dado pelos teólogos da Libertação, de modo especial por Leonardo Boff, para caracterizar uma forma de organização da Igreja no meio popular, a partir dos leigos/as, dos “pequenos” e das pessoas simples do povo. As CEBs são um “jeito” de ser Igreja, inspirado na TdL. Ao mesmo tempo são inspiradoras dessa Teologia, pois delas surgem questões a serem refletidas pelos especialistas em Sagrada Escritura, liturgia, doutrina e história da Igreja.

O “Baião das Comunidades”, também de autoria de Zé Vicente, considerado como “hino” das CEBs, expressa o que elas propõem:

*Somos gente nova vivendo a união
Somos povo semente da nova nação, ê ê!
Somos gente nova, vivendo o amor
Somos comunidades povo do Senhor, ê ê!
Vou convidar meus irmãos trabalhadores,
operários, lavradores, biscateiros e outros mais.
E juntos vamos, celebrar a confiança, nossa luta
na esperança de ter terra pão e paz. Ê ê!*

As promessas bíblicas de ter terra, pão e paz se tornam motivo de organização, reivindicação e iniciativas de transformação da sociedade. As CEBs acolheram em seu meio toda sorte de injustiçados: negros, índios, sem terra, migrantes, mulheres oprimidas, crianças, idosos, pescadores, catadores de material reciclável, jovens ameaçados de violência e marginalizados em geral. Esse povo passou a sair em romarias, caminhadas, manifestações e campanhas em defesa de seus direitos. Mas ao mesmo tempo se reúnem para rezar, celebrar e passar horas em peregrinações rezando pela paz, pela justiça e a solidariedade.

Uma das músicas mais cantadas pelas CEBs, da autoria de Frei Domingos, expressa de modo simples e direto a mensagem dos camponeses expulsos de suas terras:

*Peregrino nas estradas de um mundo desigual,
Espoliado pelo lucro e ambição do capital,
Do poder do latifúndio enxotado e sem lugar.
Já não sei por onde andar.
Da esperança eu me apego ao mutirão.*

*Quero entoar um canto novo de alegria,
Ao raiar aquele dia
De chegada em nosso chão.
Com meu povo celebrar a alvorada,
Minha gente libertada,
Lutar não foi em vão.*

*Sei que Deus nunca esquece dos oprimidos o clamor.
E Jesus se fez do pobre companheiro e servidor.
Os profetas não se calam, denunciando a opressão,
Pois a terra é dos irmãos.
E, na mesa, igual partilha tem que haver.*

A letra do canto faz pensar no MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e, de fato, em sua origem, esse movimento esteve ligado a uma mística libertadora que depois desabrochou e se ramificou.

A TdL tem acompanhado a caminhada dos cristãos que, por causa de sua opção de fé, se engajaram em associações de moradores, sindicatos, clubes de mães, cursos populares de Teologia e os mais variados movimentos sociais. É claro que isto significa uma atuação política. Sendo assim, coloca-se a questão: pode-se separar a fé da política?

3.3 Teologia da Libertação: Fé e Política

A escritora Adélia Prado observa: *“De outras vezes já disse: não haverá consolo. E houve: música, poema, passeatas”*.⁵ Acontece que música, poema e passeatas dependem da espiritualidade, da mística. Uma espiritualidade encarnada ao modo das CEBs fez uma pessoa bem simples definir o que é para ela o mistério da Santíssima Trindade: *“Deus com nós, nós com Deus, nós com nós”*.

E os jovens que hoje se inspiram na mística libertadora colocam a pergunta: *“E se o presente dependesse de nós? E se em nossas mãos estivesse depositada a força capaz de reverter as estruturas de opressão e reacender esperanças?”*⁶

Dez anos antes da publicação do livro de Gutierrez – *Teología de la Liberación* – o DCE da PUC falava em “compromisso”, “libertação”, “denunciar”, “privilegio”... palavras freqüentes nos escritos dos teólogos e teólogas da Libertação. O horizonte é o mesmo: somos chamados, somos convocadas a reagir diante da injustiça, da mentira, da violência explícita ou disfarçada em nossa realidade. Não estamos diante do mundo que Deus quis para a humanidade! E no entanto, somos responsáveis por essa sociedade que aí está!

Alguns alegam que a TdL é uma sociologia, não se refere a Deus, é materialista, não é “espiritual”. Vejamos o que diz seu fundador, Gutiérrez, sobre a “espiritualidade da libertação”:

Uma espiritualidade da libertação estará centrada na *conversão* ao próximo, ao homem oprimido, à classe social espoliada, à raça desprezada... Nossa conversão ao Senhor passa por esse processo. A conversão evangélica é, com efeito, a pedra de toque de toda espiritualidade. Conversão significa radical transformação de nós mesmos, significa pensar, sentir e viver como Cristo presente no homem despojado e alienado. Converter-se é comprometer-se com o processo de libertação dos pobres e explorados. (...) Converter-se é saber e experimentar que, contrariamente às leis do mundo da física, só estamos de pé segundo o evangelho quando nosso centro de gravidade passa fora de nós.

Uma espiritualidade da libertação deve estar impregnada de *gratuidade*. (...) Se é verdade que é necessário passar pelo homem para chegar a Deus, é igualmente certo que a “passagem” para esse Deus gratuito me despoja, me desnuda, universaliza e torna gratuito meu amor aos demais.⁷

⁵ Fragmento do Poema Terra de Santa Cruz, escrito em memória de Frei Tito, pela poeta mineira Adélia Prado.

⁶ Movimento *Mística e Revolução* - MIRE - que teve seu último encontro em 1 a 3 de maio de 2015. O trecho citado é parte da Convocatória para o Encontro Nacional, disponível em https://xa.yimg.com/kq/groups/.../name/Convocatu00F3ria_-_MIRE.pdf, acesso em 12 de agosto de 2015.

⁷ GUTIÉRREZ, G., *Teologia da Libertação*. Vozes, 1975, p. 173.

A espiritualidade da Libertação despertou a vocação de muitos cristãos e cristãs de diferentes Igrejas. Ao fazerem a opção pelo Cristo presente nos que sofrem, essas pessoas renunciam a uma situação confortável e tranqüila, e arriscam suas vidas. Bispos, padres, pastores, pastoras, e uma infinidade de leigos e leigas foram por isso perseguidos, presos, torturados e assassinados pelos representantes do sistema que mantém a desigualdade e fere os direitos humanos. E o Espírito que os mobiliza não se limita aos cristãos, mas sopra sobre pessoas e grupos de outras culturas, religiões e posições ideológicas. Trata-se de uma opção pela humanidade. É por isso que a TdL conduz muitas vezes ao martírio.

3.4 A Teologia da Libertação vincula-se ao martírio

A Igreja primitiva, perseguida pelo império romano e pelas sinagogas, conviveu com a realidade do martírio. Ela cresceu nas classes sociais mais exploradas, entre escravos, migrantes, gente sem recursos que de repente se descobriu importante para Deus. De fato, São Paulo, dirigindo-se às comunidades da zona portuária de Corinto (Grécia), escreveu:

Não há entre vocês nem muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de alta sociedade. Deus, no entanto, escolheu o que é loucura no mundo para desacreditar os sábios. E Deus escolheu o que é fraqueza no mundo para desacreditar os fortes. E Deus escolheu o que é insignificante e sem valor no mundo, coisas que nada são, para reduzir a nada as coisas que são. E isso para que nenhuma criatura se glorie diante de Deus. Ora, é por Deus que vocês existem em Cristo Jesus. Pois Cristo Jesus se tornou para nós sabedoria que vem de Deus, justiça, santificação e redenção! E assim, aquele que se gloria, que se glorie no Senhor, como diz a Escritura. (1ª. Carta aos Coríntios 1, 26-31)

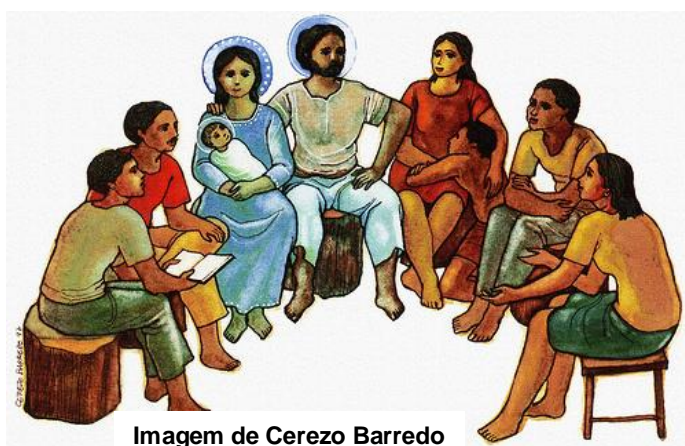


Imagem de Cerezo Barredo

Ora, a Sabedoria de Deus que se manifestou em Jesus não foi compreendida pelos dirigentes da sociedade daquela época. Jesus foi martirizado. Seus discípulos e discípulas partiram anunciando o Evangelho e muitos também sofreram perseguição e martírio. Mas curiosamente a mensagem persistiu e atravessou os séculos. Uma força

misteriosa protege a verdade, a busca de justiça, a eficácia do amor.

A vivência do martírio continua presente nos que colocam em prática a proposta da TdL. Um exemplo disso se encontra numa líder de CEB do Maranhão que gravou num depoimento sua experiência:

Foi quando mataram um padre lá em S. Mateus. Ele chegara da Itália havia três anos e acompanhava as comunidades na minha paróquia, que sempre foi muito perseguida, porque era uma comunidade bem organizada, que questionava, se movimentava, reagia frente às injustiças... Logo depois que

mataram o Pe. Josimo, em 86, começaram a perseguir outros padres. Josimo ficou como mártir da terra, e as comunidades ficaram muito fortes. Então, juntaram-se o governo do estado e a UDR⁸, tramando uma morte para desmoralizar o trabalho da Igreja. Escolheram justamente S. Mateus e mataram esse padre, Maurício. Mataram, levaram para o motel, jogaram em todos os meios de comunicação que ele tinha morrido num motel, com uma menina de 16 anos. E aí começou aquela onda de calúnias... (...) E até hoje foi uma morte que ficou muito no mistério. E esse foi um momento muito difícil, mas muito bonito, uma riqueza! A manifestação de fé, de coragem, de firmeza da comunidade, quando recebeu o corpo do Maurício, quando foi fazer protesto nas ruas, quando sepultou... Foi assim um momento de crescimento e de oração, de espiritualidade muito forte. Eu cresci muito com isso daí, porque aprendi, na própria experiência, o que significou a morte de Jesus, o que significou o espírito de esperança que animou as primeiras comunidades e levou-as para a frente.⁹

Dom Pedro Casaldáliga, bispo emérito de São Félix do Araguaia, assistiu ao martírio do Pe. João Bosco Penido Burnier (1976) e acompanhou outros assassinatos de pessoas comprometidas com o “Reino de Deus” em toda a América Latina. Determinado a guardar sua memória, ele idealizou o **Santuário dos Mártires da Caminhada**, para onde se fazem romarias a cada ano. Alguns desses mártires, como D.. Oscar Romero, bispo de El Salvador e Margarida Alves, sindicalista rural em Alagoas, foram retratados na pintura de Cerezo Barredo:



É verdade que a TdL levou inúmeros jovens a se doarem no serviço aos abandonados e desprezados pela sociedade que, muitas vezes, ainda os sobrecarrega com a culpa por viverem nessa situação. Os que se comprometem sabem que Jesus, no momento supremo da cruz, se solidarizou até com os

criminosos, e esse é o caminho de quem segue o Mestre.

As comunidades que surgem da TdL, assim como as outras formas de Igreja que encontramos hoje, têm seus bispos, padres, pastores/as, diáconos, catequistas, ministros dos sacramentos e leigos/as em geral. Mas algo as distingue – talvez - das outras: as CEBs têm seus **mártires** que você não encontra facilmente em outros modelos de Igreja.

Conclusão

Hoje, passados mais de 40 anos do nascimento da TdL, ela continua viva e se ramifica em várias direções: a leitura popular da Bíblia se desdobra em leitura a partir das mulheres (leitura de gênero e feminista), dos afro-descendentes, dos jovens, dos indígenas, etc..

A história da Igreja na América Latina e no Caribe tem levado a pesquisas surpreendentes, porque se trata de uma história não a partir das autoridades e personalidades

⁸ Trata-se da União Democrática Ruralista, conhecida entidade de latifundiários e proprietários rurais.

⁹ (CAVALCANTI, T. Por onde andam as Comunidades Eclesiais de Base? In: *Atualidade Teológica*. Revista do Departamento de Teologia da PUC. Ano VII, 2003, fasc. 14, pp. 216-232.

do poder, mas a partir dos escravos/as, dos índios/as, dos negros/as, dos trabalhadores do campo e da cidade, que vivem uma religião popular, cheia de tradições e espiritualidade evangélica.

A Teologia sistemática desvela a Trindade como a melhor comunidade; surge um rosto novo de Jesus, profeta e libertador que se faz próximo e defensor dos humildes; o Espírito Santo é descoberto como presença cotidiana que impulsiona para a liberdade responsável; Maria, a mãe de Jesus, é percebida como “companheira da nossa caminhada”. E assim, por diante. E a oração desabrocha em cantos:

*Luz na frente, paz na história, Oh Deus da memória, vem!
Refaz em nossa lembrança a tua Aliança, vem!
O Evangelho de teu filho ganhe novo brilho na gente.
Tua graça nos perdoe, nos abençoe, Amém! (Zé Vicente)*

A partir do final do primeiro milênio, a TdL vem se ocupando da questão ecológica, ligada à Teologia da Criação. E denuncia: um grupo movido por ganância está ameaçando destruir a humanidade, a vida e o planeta. Agostinha Vieira de Mello, uma religiosa beneditina consagrada aos pobres, traz um comentário poético da parábola da semente de mostarda:

SUSPEITA DE UMA PASSARINHA

... “Quando cresce torna-se a maior de todas as hortaliças, e as aves do céu se abrigam nos seus ramos” (Mt 13,32) “Todos esses que aí estão atravancando meu caminho, eles passarão... Eu passarinho” (Mário Quintana)

Certo, admiro a mostardeira.
De mínima pequenês,
SOBE
teimosa, sequiosa, laboriosa, ciosa,
briosa, tinhosa, ardilosa, desejosa,
pressurosa, habilidosa, revoltosa, contagiosa,
fervorosa, noticiosa, carinhosa, esperançosa,
E SE FAZ
pé de mostarda, braços e mãos abertos
com as bandeirinhas do Movimento CDT
(Conhecer os Desejos da Terra)...

Admiro a mostardeira já com sua copa aberta,
lona verde de circo estendida para risos e prazeres.
Admiro mais ainda a mostardeira,
quando se faz sombra e abrigo para a passarinhada da terra.

Na minha passarinhez de passarinha pergunto:
mas se um dia os herdeiros do dono do campo
por idolatria, e já então com uma multidão de mostardeiras
instaurarem um latifúndio de mostardas apenas parideiras
para suas sanhas acumuladeiras?

Que será do circo verde e das brincadeiras das folhas equilibristas,
e das moças do trapézio, e dos risos
e dos gemidos inenarráveis das passarinhas sem pão,
irmãs das irmãs e dos irmãos-sem-terra?
Que será da passarinhez das passarinhas que voam e pousam na vida,
equilibrando ecologicamente gineceus e androceus?



O que será, que será?

Aí vai se dar um jeitinho... (E já começou)
em novos grãos de novas mostardas!

Para refletir:

1. Na década de 60, artistas, intelectuais, trabalhadores e juventude de um modo geral enfrentaram a ditadura e sofreram prisão, assassinato, tortura e exílio. Como esses movimentos se expressaram? O que poderíamos apreender para nosso exercício político atual?
2. Qual o papel da Igreja na formação de lideranças e agentes que colaboraram com a busca pela justiça social?
3. Qual a originalidade da Teologia da Libertação? Ela é pertinente? Por que?